



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

MARCELLA OLIVEIRA FIGUEIREDO  
SELMA SUELY BARBOSA DE CASTRO

**COMO OS USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL SE  
OCUPAM DA ESPIRITUALIDADE?**

BELÉM-PA

2019

MARCELLA OLIVEIRA FIGUEIREDO  
SELMA SUELY BARBOSA DE CASTRO

**COMO OS USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL SE  
OCUPAM DA ESPIRITUALIDADE?**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
realizado como requisito para a  
obtenção de título de Bacharel em  
Terapia Ocupacional pela  
Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Victor  
Augusto Cavaleiro Corrêa.

BELÉM-PA

2019

# COMO OS USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL SE OCUPAM DA ESPIRITUALIDADE?

Marcella Oliveira Figueiredo<sup>1</sup>, Selma Suely Barbosa de Castro<sup>2</sup>, Victor Augusto Cavaleiro Corrêa<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Marcella Oliveira Figueiredo, Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Pará. [marcellafgd123@gmail.com](mailto:marcellafgd123@gmail.com)

<sup>2</sup>Selma Suely Barbosa de Castro, Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Pará [selmacastro10@gmail.com](mailto:selmacaastro10@gmail.com)

<sup>3</sup>Victor Augusto Cavaleiro Corrêa, [victorcavaleiro@gmail.com](mailto:victorcavaleiro@gmail.com), Terapeuta Ocupacional, Mestre em Psicologia, Doutor em Doenças Tropicais (UFPA), Docente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e do Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGP) da UFPA, Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Ciência da Ocupação (LPCO/UFPA).

**Autor responsável pela comunicação com a revista:** Marcella Oliveira Figueiredo, [marcellafgd123@gmail.com](mailto:marcellafgd123@gmail.com), Conjunto Tenoné II, quadra B, nº. 22, Bairro Tenoné, Belém, CEP: 66820-160, Belém-Pará, Tel.: (91) 982485637.

**Fonte de Financiamento:** Financiamento próprio.

**Contribuição dos Autores:** Marcella Oliveira Figueiredo e Selma Suely Barbosa de Castro participaram do projeto, da obtenção, análise e discussão dos dados, além da elaboração e revisão do manuscrito. Victor Augusto Cavaleiro Corrêa coordenou e orientou a pesquisa, participando da análise, discussão e interpretação dos dados, além da elaboração e revisão do manuscrito.

## Resumo:

O trabalho tem como objetivo compreender como os usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) se ocupam de sua espiritualidade. A pesquisa foi desenvolvida em um CAPS I, localizado no Município de Belém/Pa. Participaram da pesquisa 6 (seis) usuários do referido CAPS I, todos maiores de 18 anos, atendidos regularmente pelo centro e que aceitaram participar, assinando o Termo de Consentimento Livre esclarecido (TCLE). A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista, individualizada aos participantes da pesquisa, sendo gravada em áudio e transcrita posteriormente. Para análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados obtidos foram que a espiritualidade se confunde em muitos relatos com a religiosidade. Revelou também que espiritualidade e/ou religiosidade tem um papel importante na contribuição da saúde dos usuários, independente da percepção e realização de suas atividades. O estudo ressalta a importância da espiritualidade e/ou religiosidade na ocupação humana, compressão da subjetividade dos usuários na participação de suas atividades, abordando-a de modo a promover o bem-estar, saúde e a qualidade do viver ao usuário.

**Palavras-chave:** CAPS, Ocupação, Espiritualidade, Terapia Ocupacional.

## HOW DO USERS FROM A PSYCHOSOCIAL ATTENTION CENTER OCCUPY THEMSELVES OF SPIRITUALITY?

### **Abstract:**

This study aims to understand how users of a Psychosocial Care Center (CAPS) occupy themselves with their spirituality. The research was developed in a CAPS I, located in Belém / Pa. Six users from CAPS I were enrolled in the study, all of which were over 18 years old, regularly attended by the center and agreed to participate, signing the Informed Consent Form (ICF). Data collection was performed through an interview, individualized to the research participants, and recorded in audio and transcribed later. For data analysis, Bardin content analysis was used. The results obtained showed that spirituality is often confused with religiosity. It was also revealed that spirituality and/or religiosity play an important role to the health of users, regardless of the perception and performance of their activities. The study emphasizes the importance of spirituality and / or religiosity in human occupation, compression of the subjectivity of users in the participation of their activities, addressing it in order to promote well-being, health and quality of life to the user.

**Key-words:** CAPS, Occupation, spirituality, Occupational Therapy.

### **1 INTRODUÇÃO**

Durante muitos anos, a “loucura” foi vista como algo a ser escondido, alguém que estivesse em sofrimento psíquico deveria ficar longe do alcance e dos olhares da sociedade, enclausurada em hospitais, distante dos grandes centros urbanos. Essa forma de tratamento começou a ser debatida em várias partes do mundo, dando início aos movimentos críticos aos modelos hospitalocêntricos (ALVES et al., 2009).

Na década de 1960 o movimento da Reforma Psiquiátrica dá os seus primeiros passos na Itália, tendo como precursor Franco Basaglia, um médico psiquiatra que ao assumir a direção de um hospital psiquiátrico deparou-se com o que ele chamou de “miséria humana”, onde era comum a violência e morte de pessoas em sofrimento mental (ALARCON, 2012).

Basaglia propôs não só a humanização dessas pessoas como a desinstitucionalização, desconstruindo o Modelo Manicomial e reinserindo-as na sociedade. Essa Reforma influenciou outros países no que diz respeito à forma de tratamento e políticas públicas voltadas para esse público. A experiência italiana trouxe importantes contribuições para a Reforma Psiquiátrica Brasileira.

O movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil iniciada na segunda metade do século XX, encontrava-se agregado às lutas por direitos democráticos e o respeito aos direitos humanos e à saúde. Neste cenário, encontravam-se trabalhadores, familiares e usuários,

envolvidos na luta por mudanças na estrutura social no campo da saúde mental (LOBOSQUE, 2009).

Nesse contexto de lutas e diante da insatisfação da sociedade em relação ao tratamento que se dava as pessoas que se encontravam em sofrimento mental, foi indispensável a criação de políticas públicas voltadas para promover o bem estar a essa parcela da sociedade. Sendo assim é proposto no Congresso Nacional em 1989 um projeto de lei que visava a regulamentação dos direitos das pessoas em sofrimento mental e a extinção progressiva dos manicômios, de autoria do Deputado Federal Paulo Delgado, sancionada somente em 2001. A lei 10.216, conhecida como a Lei de Reforma Psiquiátrica redirecionou o modelo de assistência em saúde mental (BRASIL, 2005).

A luta por melhoria na assistência e as denúncias a situação precária dos hospitais psiquiátricos levou a criação de serviços de saúde mental substitutivos que surgiram em vários municípios do país, consolidando-os como dispositivos eficazes na diminuição de internações e na mudança do modelo assistencial. O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) surge como um desses serviços substitutivos, regulamentados pela Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002, integrando a rede do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2004).

Os CAPS surgem com a função de prestar atendimento clínico em regime de atenção diária, evitando assim as internações em hospitais psiquiátricos; promover a inserção social das pessoas em sofrimento mental, através de ações intersetoriais; regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental na sua área de atuação e dar suporte à atenção à saúde mental na rede básica (BRASIL, 2005).

É um serviço de saúde composto por uma equipe multiprofissional formada por médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, educadores físicos, farmacêuticos, nutricionistas e terapeutas ocupacionais, oferecendo assistência para pessoas em sofrimento mental graves e persistentes (BRASIL, 2005).

Os CAPS se diferenciam pelo porte, capacidade de atendimento, clientela atendida e organizam-se de acordo com o perfil populacional dos municípios brasileiros diferenciando-se como CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPSi e CAPSad.

Os CAPS I e CAPS II são destinados para o atendimento diário de adultos, em sofrimento mental graves e persistentes, dentro de sua área de abrangência. O CAPS III é voltado para atendimento diário e noturno de adultos, ou seja seu funcionamento é 24 horas por dia, inclusive em finais de semana, atendendo à população em sofrimento mental graves e persistentes. O CAPSi (Infantil) é voltado para atendimento de crianças e adolescentes

em sofrimento mental. O CAPSad (Álcool e outras drogas) é destinado para usuários de álcool e outras drogas, para atendimento diário à população com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas (BRASIL, 2004).

A criação dos CAPS foi um grande avanço da Reforma Psiquiátrica que propunha uma sociedade sem manicômios, tendo um papel fundamental para as novas formas de tratamento à população em sofrimento mental.

Seu principal objetivo é integrar o usuário com a sociedade e com a família, favorecendo assim o bem-estar biopsicossocial, oferecendo uma assistência diferenciada para que a pessoa possa buscar autonomia dentro de suas possibilidades, sendo essas as bases da reabilitação psicossocial. Contribuindo e possibilitando para promoção da dignidade; rompendo estigmas e respeitando a singularidade de cada um; considerando o cuidado integral como recurso terapêutico para atender as demandas. O direito alcançado através da lei da Reforma Psiquiátrica preconiza meios menos invasivos nos atendimentos em ambientes terapêuticos. Nesse sentido podemos considerar que o suporte espiritual para o tratamento nos CAPS se encaixa nesse quesito, oferecendo aparatos necessários para melhorar a qualidade de vida de seus usuários além de atender aos preceitos legais (SALIMENA et al., 2016).

A valorização do ser humano independente de seu estado mental e partindo da premissa de que somos seres biopsicossociais e espirituais, surge a discussão entre espiritualidade e saúde mental.

A dimensão espiritual e religiosa, é um fator influente e presente em grande parte da sociedade porém, quando os profissionais da área da saúde se deparam com o assunto na prática clínica, encontram dificuldade para abordar essa questão, pois não foram preparados para lidar com esses aspectos, apesar do reconhecimento da importância que essa dimensão tem para a saúde, deixando assim lacunas no cuidado integral (ALMEIDA; STROPPA, 2009).

É importante definir os termos espiritualidade da religião e religiosidade, para melhor compreensão em relação as diferenças entre si.

Para Gomes; Farina; Dal Forno, (2014), a religião é um conjunto de normas e dogmas praticados de forma organizada, determinando crenças e rituais, tendo como base aspectos misteriosos que devem ser sentidos pelo indivíduo de forma transcendental, e para ser praticada necessita geralmente de uma instituição. Ao adentrar em uma certa religião, deve-se viver de acordo com o que ela prega em uma estrutura hierarquizada. A

religião para o homem é baseada em cultuar um ser superior, por meio de símbolos, rituais e dogmas buscando uma ligação entre eles, com a finalidade de alcançar sua redenção.

A etimologia da palavra religião que tem origem no latim (religio) e formado pelo prefixo “re” (outra vez, de novo) e pelo verbo “ligare” (ligar, unir) remete a mensagem de ligar outra vez ou unir de novo, que exemplificam a finalidade de ligar-se a um ser Divino. Agostinho (354-430) ressalta que o homem deve buscar a Deus, ligando-se a ele por meio da igreja, enfatizando a submissão do mortal ao Divino, fortalecendo a ideia de ligação entre homem e Deus (SILVA; SIQUEIRA, 2009).

A religiosidade por sua vez não necessita estar ligada a uma instituição ou comunidade mas sim a valorização do homem nas experiências religiosas, traçando outros caminhos para se ligar ao divino, podendo incorporar elementos de diferentes religiões para sua própria realização, não sendo necessário a ligação com uma tradição religiosa como os rituais, as doutrinas e todas as práticas que as envolve (CASTILHO; CARDOSO, 2014). Entende-se a espiritualidade como a busca de significado e sentido para a vida. Tavares, et al., (2016) descreve a espiritualidade como universal, fazendo parte da vida do ser humano e ocupando lugar em toda a sua essência, sendo um movimento interno que direciona a um sentido da vida, uma presença cotidiana, fazendo parte da dimensão social, relacional, profissional, na saúde, na educação, no lazer, na religião, no íntimo de cada um e em todos os espaços humanos e realidades. Portanto a espiritualidade não pode ser medida, cada ser humano sente e estimula de acordo com o que lhe é significativo.

No dicionário da língua portuguesa, encontramos o conceito de espiritualidade definido como “a qualidade ou caráter de espiritual; a vida espiritual de um indivíduo, de um povo” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2002, p. 120).

A American Occupational Therapy Association (AOTA, 2015) incorporou o tema espiritualidade em seu documento domínio e processo no ano de 2002, dentro do domínio contexto de desempenho e posteriormente, o tema passou ao domínio fatores do cliente. Para Araújo et al., (2014) essa mudança teve como propósito contribuir para que os terapeutas ocupacionais pudessem analisar os valores, significados e as crenças de seus clientes de forma mais precisa levando em consideração a facilidade de perceber a espiritualidade quando direciona-se aos fatores do cliente.

Para a World Federation of Occupational Therapists (WFOT, 2012), o terapeuta ocupacional tem como objetivo promover o bem-estar e a saúde através da ocupação. Poderá alterar o ambiente/contexto em que essa ocupação se insere, de modo que o

paciente veja as suas atividades diárias facilitadas. Dessa forma, a espiritualidade pode ser melhor inserida no cotidiano das pessoas visando a saúde e o bem estar.

Para Crepeau et al., (2011), “a capacidade de uma pessoa criar e experimentar uma profunda sensação de significado por meio da participação na ocupação torna a espiritualidade atrativa.”

A espiritualidade pode então ser definida como um conjunto de crenças que engloba elementos subjetivos, que transmitem significado a acontecimentos da vida de uma pessoa, na busca de um sentido que reflete em seu bem estar biopsicossocial; assim pode-se dizer que a espiritualidade faz parte da ocupação humana.

Sendo o homem um ser essencialmente ocupacional é fundamental que o mesmo se envolva em ocupações significativas, explorando seu mundo interior.

A ocupação é o mecanismo pelo qual os indivíduos demonstram suas habilidades na sociedade e no mundo. É através de suas atividades que as pessoas podem demonstrar quem elas são, ou o que elas esperam ser (COSTA et al., 2017).

Portanto, houve a necessidade de conhecer mais profunda e detalhadamente a ocupação humana e sua importância. Assim, surge a Ciência Ocupacional, a fim de sistematizar o estudo do fazer humano, e construir uma base de conhecimento científico para fundamentar a prática terapêutica ocupacional.

A Ciência da Ocupação tem papel importante nessa busca e compreensão do ocupar-se da espiritualidade para ser incorporada na prática clínica, pois para Araújo et al., (2014), ainda há uma enorme lacuna entre a teoria e prática, entre reconhecer a importância da espiritualidade e efetivamente incorporá-la à prática clínica.

A ocupação possui inúmeros significados para o indivíduo, dependendo muito de sua subjetividade, sendo a forma, função e significado da ocupação, pontos essenciais para ressignificação da ocupação humana.

Portanto realizar atividades significativas torna-se muito mais um resultado da maneira de como se está nessa relação do que do pré estabelecimento de sentidos ou significados. Essa proposta possivelmente se diferencia de análises de atividades usualmente descritas na literatura internacional, sejam elas centradas na tarefa, na teoria ou mesmo no sujeito para atender aos objetivos do cliente (CREPEAU, 2002). As atividades humanas são essenciais para obtenção do sentido que move o ser humano.

O significado é atribuído ao valor e a importância que se dá as ocupações de um indivíduo, sendo algo particular e único para cada pessoa. Para Espíndula e Ferreira, (2017), ao

procurar sentido, o ser humano procura saúde mental, Portanto, essa procura é uma questão de sobrevivência.

Ao encontrar o sentido da vida, o homem descobre que nada está isento de sentido, nem mesmo suas experiências de sofrimento e de dor diante das frustrações da vida. O homem será um ser à procura do sentido, porque acredita que o sentido move a vida e direciona o indivíduo ao encontro da liberdade, da responsabilidade e da transcendência. E que, na relação com o outro, ele pode descobrir e encontrar a si mesmo (SILVA; BREITENBACH, 2009).

O sentido que a espiritualidade pode ter na vida de uma pessoa é íntimo, particular e faz referência ao significado, no ato da busca de um propósito para o que se realiza. Segundo Early (2005), as ocupações têm um significado pessoal, bem como dimensões culturais, temporais, psicológicas, sociais, espirituais e simbólicas. A compreensão das ocupações como algo inerente ao ser humano é essencial para direcioná-lo a reconhecer e buscar o sentido de sua existência e para compreender essa relação é importante conhecer a Logoterapia que foi desenvolvida pelo psiquiatra austríaco Viktor Frankl (1905 – 1997), e tem como principal objetivo estimular o ser humano a buscar e encontrar um sentido para a vida.

Para a Logoterapia o homem possui vontade por sentido, isso ocorre pelo fato de ser incompleto e necessitar preencher-se de sentido (FRANKL, 1989). O homem, devido a sua espiritualidade é capaz de encontrar valores em tudo que o cerca, e possuindo tal capacidade ele não pode isentar-se da responsabilidade pelas escolhas que faz, sendo assim responsável pelos seus atos. Frankl descreve que, independentemente da situação que o homem se encontre, se achar um sentido para viver será capaz de suportar as mais duras condições de sofrimento (FRANKL, 2011).

Para a Logoterapia “a responsabilidade é o que fundamenta a existência humana, pois o homem deve reconhecer o sentido da sua vida, indagando a si próprio, responsabilizando-se pelos seus atos” (FRANKL, 1985, p.98).

Essa compreensão ajuda pessoas a identificar seus valores, objetivando a conscientização do espiritual.

Nessa perspectiva, quando falamos em sentido de vida, estamos nos referindo a um caminhar constante do homem para alcançar um propósito, uma meta, uma direção onde superamos e enfrentamos a nossas dificuldades presentes, almejando com isso um bom resultado (BERTAMONI, 2008).

O bem-estar espiritual vem sendo considerado como mais uma dimensão da condição de saúde humana, o fortalecimento do bem-estar espiritual pode auxiliar significativamente na redução da angústia relacionada a doenças, bem como na promoção da saúde mental (SILVA; SILVA, 2014). Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo compreender como os usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) se ocupam de sua espiritualidade.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 TIPO DE PESQUISA**

No que se refere à abordagem qualitativa, ela não tem a preocupação de representar números, e sim o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que utilizam esse método buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas, nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos, valendo-se de diferentes abordagens (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Como uma modalidade de investigação, a pesquisa qualitativa é capaz de agregar conhecimentos e sentidos aos fatos estudados, tendo como instrumentos a análise e a interpretação da linguagem, considerando a subjetividade de cada pessoa (BRASIL et al, 2018).

### **2.2 LOCAL DA PESQUISA**

A pesquisa foi desenvolvida em um CAPS, localizado na cidade de Belém no Estado do Pará, Brasil.

### **2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Participaram da pesquisa seis (06) usuários atendidos e devidamente matriculados no referido CAPS e que estavam de acordo com os critérios de inclusão da pesquisa. Os participantes foram selecionados por conveniência e disponibilidade para realização da coleta de dados de modo a preservar em todos os momentos sua identidade e privacidade. Os participantes foram denominados por nomes próprios aleatórios, de modo a preservar a identidade e privacidade.

#### **2.3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO**

Participaram da pesquisa pessoas matriculadas no referido centro, com idade igual ou superior a 18 anos, diagnóstico psiquiátrico, que realizassem o tratamento regularmente no serviço e que aceitassem participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

### **2.3.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO**

Não participaram da pesquisa aqueles usuários que possuíam algum comprometimento ou dificuldade na comunicação oral ou deficiência auditiva, ou qualquer dificuldade que os impedissem de realizar a entrevista.

### **2.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP/ICS/UFPA), através do parecer de nº 3.528.970. A pesquisa foi realizada respeitando todos os princípios éticos, previstos pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)/Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde. Foram prestados todos os esclarecimentos aos participantes da pesquisa através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE, o qual, após explicação dos objetivos do estudo e finalidades dos resultados, foi entregue em duas vias, ficando uma com o participante da pesquisa e outra com os pesquisadores.

A pesquisa somente iniciou após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos. Para sua realização, ficou assegurado o anonimato, quer na transcrição das entrevistas, quer na análise e publicação dos dados, oferecendo a segurança de que as identidades foram mantidas em confidencialidade. Também foi comunicado aos participantes que poderiam interromper a participação na pesquisa em qualquer momento, podendo até se recusar a responder a qualquer questão, a fim de que não se sentissem pressionados a participarem da pesquisa.

Após a aprovação do projeto pelo CEP, foram selecionadas as pessoas que atendem aos critérios de inclusão para a participação na pesquisa. O contato com os participantes do estudo foi realizado em uma sala privativa do próprio centro. Foram apresentados os objetivos e demais informações sobre a pesquisa, esclarecendo possíveis dúvidas.

Diante do aceite do participante, foi dado início à aplicação do instrumento da pesquisa que consta de duas etapas. Na primeira etapa, foram coletadas informações de identificação (iniciais do nome, sexo, data de nascimento, estado civil, naturalidade, com

quem mora, religião, escolaridade, contatos, endereço, a quanto tempo faz tratamento, ocupação principal). A segunda etapa constou de uma entrevista com as seguintes perguntas: Primeira: “*O que você entende sobre espiritualidade?*”. A segunda pergunta: “*Me conte como você se ocupa da sua espiritualidade atualmente*”. A terceira pergunta foi: “*Qual o propósito que essas ocupações referentes a espiritualidade têm na sua vida*”. A quarta pergunta foi: “*Qual o significado da espiritualidade em sua vida*”. E a quinta pergunta foi: “*Como foi pra você participar dessa pesquisa*”. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, foram transcritas na íntegra.

Para a análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin que constitui-se:

“Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 42).

Segundo Bardin; (1977), as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material e; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase de organização, a primeira etapa de sistematização das ideias, de modo a desenvolver futuras operações em um plano de análise, estabelecendo flexibilização, permitindo assim a introdução de novos procedimentos no discurso da análise. Esta fase possui três fatores que são: a escolha do documento que serão submetidos a análise; a formulação da hipótese e do objetivo; e a elaboração dos indicadores que irão fundamentar a interpretação final; esses fatores não precisam seguir uma ordem cronológica, porém devem estar interligados entre si (BARDIN, 2016).

A pré-análise pode ser composta por cinco passos sendo o primeiro, a leitura flutuante, que compreende o estabelecimento de contato com os documentos a serem analisados; o segundo, a escolha dos documentos, este é composto por algumas regras como a exaustividade, a representatividade, a homogeneidade e a regra da pertinência (BARDIN, 2016). O terceiro passo é a formulação das hipóteses e dos objetivos, que consiste em uma afirmação provisória a verificarmos. O quarto é a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, considerando os textos uma manifestação com índices que a análise irá expor. O quinto é a preparação do material, que trata de uma preparação

formal, a exemplo das entrevistas gravadas onde os textos devem ser codificados (BARDIN, 2016)

A exploração do material: trata-se da fase da análise propriamente dita, onde os resultados obtidos na primeira etapa serão sistematicamente administrados, enumerados e/ou codificados de acordo com as regras previamente formuladas na pré-análise. (BARDIN, 2016).

O tratamento dos resultados obtidos e interpretação: Neste processo, os dados brutos são tratados de maneira a se tornarem válidos, através de operações simples ou complexas, depois são transformados em dados estatísticos ou porcentagem a fim de compor quadros e diagramas para melhor compor a amostragem da pesquisa, posteriormente estes resultados são expostos a provas estatística e teste de validação para maior rigor metodológico (BARDIN, 2016).

### **3 O OCUPAR-SE DA ESPIRITUALIDADE PARA USUÁRIOS DE UM CAPS.**

É importante ressaltar a relevância da Ciência Ocupacional para a produção de conhecimento, além do importante papel na sistematização do conhecimento frente às ocupações e como elas podem favorecer a saúde e o bem-estar das pessoas (CLARK; LAWLOR, 2011).

As ocupações geralmente são formadas em uma cultura, sendo interpretadas de acordo com a história de vida de cada pessoa e a Ciência Ocupacional vem abordar o engajamento nas ocupações como as experiências de cada indivíduo em seu cotidiano, incluindo tanto as atividades intencionais, como as de vida diária, interpessoais, físicas, de restauração e as práticas sociais e culturais.

É necessário conhecer melhor as diversas ocupações exercidas pelo ser humano em seus contextos de vida e compreender o significado dessas ocupações na vida de cada pessoa. As ocupações são fundamentais para identidade e senso de competência do ser humano, tendo significado e valor especial em sua vida; na Terapia Ocupacional, as ocupações se referem às atividades diárias que uma pessoa, grupo ou população executam para ocupar o tempo e trazer significado e propósito à vida, referindo-se a todos os aspectos reais do fazer, ser e tornar-se humano e também ao de pertencer (AOTA, 2015).

Dessa forma, a Terapia Ocupacional pode favorecer às pessoas conhecerem melhor a si mesmas por meio do seu próprio fazer, sendo as ocupações, atividades que o indivíduo se envolve diariamente, de forma subjetiva, onde cada um compreende sua importância de acordo com suas particularidades. Nesse sentido, não deve excluir a dimensão da

espiritualidade como uma possibilidade de se ocupar com uma forma, um propósito e um significado próprios de cada ser humano.

Portanto o homem sempre tende a buscar algo que lhe traga algum significado para sua existência, e essa busca é muitas vezes atrelada ao espiritual e/ou religioso.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) incluiu a espiritualidade no conceito de saúde, não delimitando crenças ou práticas religiosas e sim as questões como significado e sentido da vida, definindo-a como o conjunto de todas as emoções de natureza não material (VOLCAN et al, 2003).

Este estudo nos permitiu identificar a dificuldade apresentada pelos entrevistados para expressar sua compreensão acerca da espiritualidade e da religiosidade. A complexidade do conceito de espiritualidade torna-se mais difícil quando associado aos conceitos de religião e religiosidade, e para compreendermos melhor os termos procuramos diferenciá-los e demonstrar os pontos de aproximação e distanciamento entre tais conceitos.

Alguns autores como Good et al., (2011), Hill e Edwards (2013) sugerem conceituar espiritualidade/religiosidade em um único pensamento. Porém outros autores preferem diferenciá-los entre si e também da religião, como Oliveira e Junges (2012), que referem-se a religião como um aspecto institucional organizado em uma determinada forma de vivência religiosa e a religiosidade como sendo a expressão da espiritualidade. Para Egan (2003), a religião é um conjunto de práticas, crenças e princípios doutrinários e a religiosidade uma experiência pessoal, incluindo aspectos individuais relacionando-se com às práticas religiosas. Complementando este conceito, Boff (2009) define religião como algo que é institucional e doutrinário, definindo uma forma de vivência, onde se determina crenças e rituais ao transcendente, entendidos como meio que oferecem salvação. Já a espiritualidade é descrita por Gomes et al., (2014) como algo inerente ao ser humano, sendo assim não é considerada um monopólio das religiões, e sim uma dimensão capaz de elevar uma pessoa e coloca-las frente as suas questões mais profundas. Boff (2009) define a espiritualidade como algo que transcende a realidade, a experimentação de uma força interior superando suas próprias capacidades. A religiosidade pode ser um componente da espiritualidade, assim como pode ir além dela (KOENIG, 2008). E ainda que possa ser vivenciada no contexto da religião, também pode ser experimentada fora das estruturas religiosas (ARRIEIRA et al., 2011).

A maioria dos entrevistados se apropriou da religião ou da religiosidade para expressar sua concepção de espiritualidade, e embora sejam muitas vezes utilizados como sinônimos, são conceitos distintos. A literatura destaca a proximidade e a distinção

existentes entre os termos, além do que, geralmente, o primeiro pode incorporar o segundo. A definição de espiritualidade para Griffith et al., (2007) se baseia na estreita relação com a religião e com uma crença em um poder maior. Já para Goldim et al., (2007), espiritualidade não é possuir uma fé específica em uma divindade e sim a capacidade de se fazer uma reflexão sobre si mesmo, possuir a autoconsciência, para o autor, o ser humano é um ser espiritual justamente por possuir essa capacidade. Há uma definição interessante de Ross (1995) em relação à dimensão espiritual que, segundo ele, depende de três componentes, sendo eles a necessidade de encontrar significado, razão e preenchimento na vida; necessidade de esperança e vontade para viver; necessidade de ter fé em si mesmo, nos outros ou em Deus. Essa necessidade de um significado para o autor é considerada uma condição indispensável à vida. Complementando essa definição, Koenig et al.(2001) diz que a espiritualidade é a busca pessoal por respostas sobre o sentido da vida, podendo assim ter uma ligação com o sagrado. Por outro lado, a religiosidade é descrita por ele como atividades como as orações, leituras, meditações entre outros, e realizações de práticas para facilitar a proximidade com o sagrado, compreendido nessa perspectiva como Deus, verdade absoluta ou força superior. Para Koenig et al. (2001) a religiosidade pode ser uma expressão vinda da espiritualidade, pois a pessoa pode usar a religiosidade para expressar aspectos individuais.

Sendo assim, a espiritualidade é a dimensão humana que integra aspectos da vida, motivando a pessoa na busca de um sentido para a vida.

É possível perceber uma certa relação entre as definições dos termos, de forma que se torna muitas vezes perceptível o quanto um pode influenciar o outro, ou até mesmo parecerem sinônimos em um contexto de práticas. Porém vale ressaltar uma síntese dos conceitos. A religião segue uma ordem institucional e hierárquica; já a religiosidade é a expressão inserida em uma dimensão pessoal, podendo estar ou não ligada a uma religião; a espiritualidade é vista como a dimensão inerente ao ser humano, impulsionando-o em busca de significados.

A intenção deste trabalho é compreender a forma que os usuários de um CAPS se ocupam da espiritualidade, qual o propósito dessas ocupações e quais os significados desse ocupar-se.

### **3.1 CONHECENDO A FORMA DE OCUPAR-SE DA ESPIRITUALIDADE PARA USUÁRIOS DE UM CAPS**

“A forma ocupacional surge quando as pessoas exprimem no ambiente físico as ideias da mente através das suas ocupações”. (COSTA et al., 2017, p.655).

Neste momento propôs-se conhecer a forma ocupacional desempenhada pelos participantes da pesquisa, ou seja, como eles se ocupam da espiritualidade.

Esse ocupar-se da espiritualidade se fez presente na fala de todos os envolvidos na pesquisa apesar, de por vezes ter sido utilizada como sinônimo de religião e/ou religiosidade, como podemos perceber nos relatos a seguir:

*“Espiritualidade para mim é um conceito... conceito de que... é uma religião que...que... é um tipo de religião que nós entramos e nos sentimos bem [...] acolhemos Deus [...]”*(João).

*“Eu participo de reunião hoje é...na igreja é...sempre que possível eu oro e é isso”* (Joyce).

*“Eu me ocupo dessa espiritualidade é...é estudando sobre a religião estudando a bíblia, é... é...falando sobre Deus, falando sobre...sobre a salvação para as outras pessoas”* (João).

Segundo Billock (2011, p. 92) “A religião muitas vezes é relacionada com espiritualidade e pode informar sobre a compreensão e experiência de significado de uma pessoa”.

Os participantes verbalizaram de maneira sucinta o engajamento ocupacional em práticas religiosas a fim de promover seu bem estar, ressignificando o ocupar-se dessas práticas para favorecer sua espiritualidade por meio da religião e/ou religiosidade.

Nesse sentido, podemos dizer que a religiosidade é a relação do ser humano com um ser transcendental e entendida como uma experiência pessoal e única da religião, e a espiritualidade pode ser a busca de um sentido ou significado da existência (MONTEIRO, 2002; GIOVANETTI, 2004).

No relato de Carol, podemos perceber uma noção mais abrangente do que vem a ser espiritualidade a partir da sua visão, relatando diversas ocupações que podem favorecer esse intento.

*“Eu entendo que é uma busca né pelo... pelo uma paz na...na alma e onde tem vários caminhos né!? e quando a gente fala essa palavra a gente liga logo a religião né!? e eu acho que é importante a pessoa buscar uma religião buscar uma verdade como a minha mãe diz seguir algo e eu acho que é um encontro é uma paz na alma muitas pessoas buscam por meio da bíblia muitas pessoas buscam pelo meio da reflexão do...até no meio de um esporte físico mas eu acho que é importante é tu tá em comunhão, em paz com teu corpo com a tua alma, eu acho q é isso né é tá em paz”* (Carol).

A espiritualidade não é sinônimo de doutrina religiosa e não precisa necessariamente estar ligada a crenças ou práticas religiosas, porém pode estar vinculada a uma religião (HARVEY; COOK, 2010) e apesar desses termos não serem sinônimos, eles podem estar sobrepostos (D'SOUZA, 2007).

Quando a espiritualidade é capaz de transformar a vida de uma pessoa, que experimenta uma vivência íntima com um ser divino, geralmente reconhecido como Deus, podemos dizer que a espiritualidade se manifesta na vida dessa pessoa como religiosa (OLIVEIRA; JUNGES, 2012).

Diante disso evidenciamos que espiritualidade é um termo difícil de conceituar para a maioria das pessoas, como mostrado nos relatos percebemos o conceito de espiritualidade atrelado ao religioso, observado a seguir:

*“Sobre espiritualidade.... eu penso..... quando falo em espiritualidade eu penso em Deus como um ser celestial que tá acima de todos, então eu penso nesse Deus como meu pai e.... eu fui ensinada, fui e...no cristianismo não...agora eu sou evangélica mas eu era católica e somos denominados também cristãos né e...meu pai e minha mãe sempre me falava de Deus e quando diz espiritualidade é isso Deus vem Deus na minha mente” (Joyce).*

Observamos também uma certa dificuldade de alguns participantes ao responder o que é espiritualidade pra você?

*“O que eu entendo sobre espiritualidade? como eu posso dizer... é...eu acho que tem a ver com o espiritual né? com outro plano é...quando a gente se vai mas o nosso espírito sempre fica eu acho q é isso acho que é isso eu não entendo muito bem sobre isso” (Maysa).*

*“O que eu entendo sobre a espiritualidade? eu não entendo muito porque são coisas que não dá pra entender assim, sobre espiritualidade, são coisas que a gente vê a gente não vê, tem coisas que... eu não sei explicar direito né eu não entendo muito sobre espiritualidade” (Joana).*

Segundo Teixeira et al., (2004), espiritualidade é viver com espírito, designando a totalidade do ser humano enquanto sentido e vitalidade. Observamos que as entrevistadas apesar de pouca afinidade com o assunto demonstraram mínimo conhecimento prévio, o que de fato foi muito importante para a fluência da pesquisa. Segundo Billoc (2011, p.92), “as pessoas podem experimentar a espiritualidade como uma sensação de conexão que as relaciona com um ser transcendental, uma crença, elas mesmas, outros ou o mundo físico”.

É sabido que a religião não é a única forma de alcançar o fortalecimento espiritual e, por vezes, vai na direção oposta do que é significativo para aquele indivíduo, podendo acarretar uma ruptura nessa ocupação. Desse modo, se faz importante trazer o conceito de religião. Billock (2011, p.92) a descreve como “um conjunto de práticas individuais e comunitárias, permeando as experiências de espiritualidade por meio de ocupações como prece, leitura de livros teológicos e frequência em serviços teológicos”

*[...] às vezes a gente procura seguir uma religião, procura seguir alguns dogmas, só que lá tem muita imposição do que tu deve fazer ou não, aí o que acontece às vezes tu tá na igreja mas tu tá triste, tu não tá assim...digamos que... que começam a proibir coisas tu não pode dançar não pode fazer isso não posso aquilo tu não tá em paz [...](Carol).*

A participante nos apresenta que, em um certo momento de sua vida, procurou seguir uma religião para promover sua espiritualidade porém, ela menciona que não se sentia “em paz”, com certas doutrinas que eram impostas pela instituição. Essa circunstância promoveu mudança ocupacional observada a seguir:

*[...] “Sim, eu gosto de sair, eu gosto de ir para academia, eu vou pra academia, eu participo de um grupo de dança danço carimbó e também eu procuro ler a Bíblia eu procuro e...eu acredito no evangelho apesar de não seguir quando eu falo que eu não tenho uma religião [...] eu procuro ler em casa procuro ver aquele aprendizado e procuro praticar, que é difícil né... mas a gente tenta né a gente tenta ser melhor” (Carol).*

Nesse momento, fomos surpreendidas com uma certa entonação na sua voz, uma certa euforia, por isso podemos dizer através de aspectos da inferência que ela está feliz com a mudança na sua rotina que encontrou outras formas de se ocupar com atividades significativas, como afirma Billock (2011, p.94), “Nem todas as ocupações são experimentadas como espirituais, mas toda a ocupação tem o potencial para ser espiritual.” O fato dela ter oportunidade de falar sobre o assunto compartilhando os aspectos da sua rotina diária conosco talvez tenha sido prazeroso e empolgante para ela também.

A seguir, observamos o relato de Camila em dois momentos distintos, que assim como Carol, ocorreram mudanças na maneira como preenchia tempo para com a experiência espiritual.

*“Espiritualidade é... como eu falei minha religião é evangélica porém eu fui criada no catolicismo, [...] na protestante eu já pude ter uma outra visão de espiritualidade de sentir a presença de...de algo sobrenatural, de estar com Deus, do que é sentir o amor de Deus, [...] espiritualidade é isso, é teu contato, tua intimidade com Deus, onde você não precisa de intermediadores” [...] (Quando ela frequentava a igreja).*

*“[...] Hoje eu não frequento templo nenhum, igreja nenhuma [...] Então, hoje eu participo de um grupo de amigos não é uma célula a gente chama de uma reunião onde a gente fala cada um, um pouco da sua semana, um pouco dos seus problemas e nós fazemos orações individuais e depois em grupo um pelo outro, isso é todo sábado a gente tem essas reuniões[...] mas naquele momento é só a gente e Deus; nenhum tipo de...de rótulo” (não frequenta mais a igreja, forma ocupacional modificada).*

É possível inferir que essa ocupação é tão relevante e significativa para ambos os fatos, levando ao ponto de criarem novas maneiras desse fazer, por alternativas que possuem o mesmo objetivo de promover a espiritualidade, contudo, sem ter necessariamente que frequentar templos religiosos para isso. Todavia, em ambos relatos ainda estão presentes aspectos da religiosidade efetuada a partir das circunstâncias vividas.

A religiosidade poderá ser a maneira que a pessoa encontra para manifestar sua espiritualidade, adquirindo crenças, práticas, rituais e valores, integrando um sistema de doutrina compartilhada por um grupo (ALVES; JUNGES; LÓPES, 2010); (NASCIMENTO et al., 2013). Nesta linha, “entende-se que a religiosidade pode ser uma maneira da espiritualidade se manifestar, não sendo a única, pois há pessoas com muita religiosidade e pouca espiritualidade e vice versa” (VALLE, 1998 p. 260).

Em resumo, a espiritualidade/ religiosidade estão presentes no cotidiano das pessoas; na história das civilizações percebemos narrativas a respeito de suas religiões, suas cerimônias, mitos, rituais e símbolos. Demonstrando a ligação do homem com o místico e a espiritualidade desde os primórdios, com o intuito de buscar um sentido para tudo que o rodeia e principalmente para sua própria vida (FRANKL, 1989; 1990); (AQUINO et al., 2009). Dessa forma, o homem sempre tende a buscar algo que lhe traga algum significado para sua existência, e essa busca é muitas vezes atrelada ao espiritual e/ou religioso.

Foi possível observar os diversos aspectos da forma ocupacional desenvolvida pelos usuários do CAPS, os contextos e as circunstâncias em que essas ocupações aconteciam. Identificou-se a busca incessante de certas ocupações tidas como espirituais, como ler a bíblia, ir à igreja, ou práticas corporais como dança e musculação, a fim de atingir um

estado de paz e bem-estar tanto possibilitando seu maior contato com Deus na esperança de fortalecimento da interioridade, promovendo dessa forma o fortalecimento espiritual e melhor enfrentamento dos problemas ocasionados pelo transtorno mental. O profissional de Terapia Ocupacional tem por dever analisar, compreender e favorecer tais ocupações promovendo esse cuidado holístico e integral.

A confluência dos termos espiritualidade/religiosidade e religião não inviabilizou o conteúdo da pesquisa.

### **3.2 DESVENDANDO OS PROPÓSITOS DE OCUPAR-SE DA ESPIRITUALIDADE PARA USUÁRIOS DE UM CAPS.**

Nesta sessão, iremos desvendar a função ou propósito ocupacional dos entrevistados utilizaremos ao longo do texto o termo “propósito ocupacional”.

Costa et al (2017) descreve o propósito ocupacional expondo o modo como a ocupação pode influenciar a qualidade de vida e tudo que a envolve, se promovem ou comprometem o bem estar da pessoa, neste sentido podemos fazer algumas perguntas para nortear o caminho do entendimento: Por que se realizam certas atividades? O que nos leva a realizá-las, qual o objetivo? E para que serve? Para melhor compreender o propósito ocupacional é necessário fazer essas indagações. Para Carrasco e Olivares (2008) o propósito ocupacional surge da interação do indivíduo com a atividade, gerando um objetivo pessoal, podemos observar no relato de Carol uma ocupação proposital:

*“[...] então quando a gente procura ler, quando a gente procura sair, quando a gente procura ocupar, fazer uma coisa que... digamos eu gosto muito de ir lá com meu grupo de danças me sinto muito bem e acho que isso reflete muito na minha saúde tanto o cansaço físico faz eu ter uma noite de sono bom” (Carol).*

Carol afirma que procura se envolver em algumas ocupações com o objetivo de promover sua saúde e bem estar como por exemplo participar do grupo de dança e praticar o hábito da leitura.

Observamos que ocupações de teor artístico como a música e a dança foram recorrentes nos relatos, apresentando-se como um suporte físico, psíquico e espiritual. “[...] só sinto algo muito forte assim com esse meio assim, o palco [...] o que me faz muito bem é coisas envolvendo arte, a música, é o que faz bem tanto que eu pretendo né seguir carreira espero conseguir” (Maysa). A espiritualidade envolve a existência humana, ou seja, integra os fatores que são inerentes aos seres humanos como a capacidade de

autotranscedência, de relacionamento, de amor, de desejo e criatividade, de altruísmo, de fé e crença, tornando-se algo dinâmico entre o ser humano e sua própria identidade. (Pessini & Bertachini, 2010).

Veremos a seguir relatos sobre atividades tidas como espirituais e sua importância na manutenção da saúde mental.

*“Propósito? ah... eu faço isso porque se eu não fazer eu acho que eu transformo em outra pessoa, porque se a gente não ficar calma com a gente mesmo a gente não vai deixar as outras pessoas ficar calma também, é capaz de agredir as outras pessoas, então eu faço isso pra mim ficar calma, pra mim não ficar muito estressada”* (Joana referindo a cantar e ir à igreja).

*“Pra mim tem um certo.. (como é que eu posso dizer?)...uma ajuda, uma ajuda psicológica pra não surtar pra não sair da do eixo entendeu?”* (Joyce referindo a oração e ir a igreja).

O meio em que uma pessoa está inserida, relaciona-se em seu processo de construção, interagindo de forma a necessitar cada vez mais de dispositivos assistenciais, tornando-a cada vez mais independente a refletir sobre o sentido da vida e a forma de como pratica a sua espiritualidade/religiosidade e a relação da escolha de praticá-las contribuindo ou não para a saúde mental (MOREIRA; ANDRADE, 2003); (OLIVEIRA; JUNGES, 2012). Sob esta perspectiva os participantes também trouxeram referência sobre a utilização de medicação psicotrópica como uma forma de manter o controle dos efeitos negativos do transtorno mental “...além dos remédios que eu tomo né, também faço isso por causa que pra mim ficar calma pra mim transmitir ‘pras’ outras pessoas que eu não sou má, que eu não vou fazer alguma coisa com elas então eu faço isso pra mim não ficar dando coisas negativas ‘pras’ outras pessoas (Joana). Essa introdução foi a adaptação encontrada pelo psiquiatra a fim de favorecer no tratamento psiquiátrico.

Em contrapartida Camila vem trazendo o ponto negativo dessa “adaptação medicamentosa” quando relata:

*[...] mesmo aquele antes de dormir não consigo, tomo remédio já tô apagando, então todo sábado é um compromisso meu, com Deus, aquele momento em que eu vou parar independente do que eu fiz a semana toda mas eu vou parar e sentir a presença de Deus”* (Camila).

Conclui-se que o ato de tomar a medicação psicotrópica apesar de promover a saúde mental, pode comprometer o bem estar espiritual.

Costa et al., (2017) afirma que o propósito são os aspectos a serem identificados, demonstrando como a ocupação serve a adaptação, se elas promovem ou comprometem a saúde e bem estar. Neste caso o padrão de desempenho no que remete a prática de realizar orações antes de dormir está sendo prejudicada pelo efeito medicamentoso, porém a participante relata algumas adaptações feitas para continuar exercendo o ato de orar ou ter um contato mais íntimo com Deus: *“então eu fui nesse grupo, convidaram então eu me senti muito bem, eu voltei a sentir essa paz que eu não sentia então foi por isso que até hoje frequento” [...] (Camila)* (Referindo sobre o grupo de oração que frequenta todos os sábados).

Essa modificação realizada pela usuária se deu a partir do momento em que ela sentiu a necessidade de mudança. *“Foi quando eu realmente senti que eu precisava, que eu estava sentindo falta, que eu sentia saudade da presença de Deus na minha vida”*.

Percebeu-se que a frequência dela no grupo é o propósito de tal ocupação para atingir seu objetivo pessoal, é o que ela chama de *“momento com Deus”* Dessa forma, suprir essa necessidade espiritual da qual ela sentia falta, a fim de complementar seu tratamento através do favorecimento da espiritualidade, ela continua: [...] *“eu fui uma das primeiras visitantes e até hoje eu frequento porque é meu único momento com Deus que durante a semana eu não tenho”* (Camila).

Para Dickie (2011) A ocupação tem características essenciais, por exemplo, são autoiniciadas, direcionadas para a meta (propositais) e socialmente aprovadas e com capacidade de influenciar a saúde. As pessoas tendem a se ocupar daquilo que necessitam e lhe fazem bem, por isso a importância de praticar o autoconhecimento para que essas escolhas ocupacionais possam ser objetivas e sadias. Como afirma Pinto (2009, p.77), *“O autoconhecimento é construção-desconstrução-construção paulatinamente e cotidiana do conhecimento dos limites, pessoais e exteriores, sempre móveis”*. Portanto as ocupações tendem a mudar no decorrer da existência humana.

Em síntese evidenciamos que o propósito ocupacional pode ocupar diversas conotações, na perspectiva da saúde mental. Compreendemos que a ocupação referente a espiritualidade tem vários objetivos porém se baseiam na manutenção e promoção da saúde mental, no controle de surtos e o bem estar em geral.

Constatamos que o transtorno mental promoveu mudanças nas ocupações desses sujeitos, que então realizaram adaptações com o intuito de amenizar os efeitos negativos dos transtornos apresentados. Após a identificação do que lhe é prazeroso e significativo,

essas novas formas de “fazer” tornaram essas ocupações propositais e intencionais em suas vidas.

### **3.3 REVELANDO OS SIGNIFICADOS DE OCUPAR-SE DA ESPIRITUALIDADE PARA USUÁRIOS DE UM CAPS.**

Compreender o significado que os participantes atribuíram para o ocupar-se da espiritualidade/religiosidade requer compreender o valor pessoal, cultural e social atribuídos para cada experiência vivida. (Costa et al., 2017). Quando é perguntado para a participante Carol qual o significado do ocupar-se da espiritualidade ela responde: *“Muito! [...] porque eles que deixam a alma em paz sabe!?”* (Carol). Através desta exclamação é possível perceber o alto grau de compreensão que ela possui quanto a dimensão que a espiritualidade alcança em sua vida, quando acrescenta: *“[...] eu acho que é muito importante a gente tá em paz consigo mesmo muito importante!”* reforçando sua percepção.

No entanto, observou-se que alguns participantes apresentaram dificuldade para responder a mesma indagação, responde Maysa: *“Acho que...é porque eu não tô entendendo muito bem em que sentido é a espiritualidade[...] necessitando da repetição da pergunta pelo entrevistador e do reforço de algo que ela havia comentado anteriormente como o gostar de cantar e de fazer teatro.*

*“[...]eu acho que é uma coisa que eu tipo, eu nasci pra fazer porque eu me sinto como se eu fizesse parte daquilo [...] eu sinto meio que parte disso como se eu já tivesse feito isso antes sei lá...eu acredito em vidas passadas”* (refere-se a cantar e fazer teatro) (Maysa).

Apesar da aparente dificuldade em compreender a questão, a fala da participante é rica de significado, sua voz entoada nesse relato demonstrando a euforia que o assunto lhe suscita, ao afirmar que estar no palco ou cantando em público é como se estivesse experienciando um dom trazido de vidas passadas apesar de não conseguir realizar tal intento por vezes *“E a minha doença acaba atrapalhando porque gera ansiedade e me sabotou por muitos anos, eu não poder exercer essas coisas porque eu tenho crises, surtos pois é... não consigo me expressar direito com as pessoas acho que deu pra perceber (riso discreto)”*. (Maysa). Por conseguinte, as ocupações criam significados e favorecem a compreensão para questões existências do ser humano. (BILLOC, 2011); (CHRISTIANSEN, 1997); (FRANKL 1959).

Percebe-se que essa ocupação lhe traz alegria e satisfação sendo uma ocupação significativa. Os fatores do cliente (valores, crenças e espiritualidade, funções e estrutura do corpo) influenciam o engajamento em ocupações sendo afetada ou influenciada por causa de ausência ou presença de enfermidades (AOTA, 2015) neste caso o transtorno ansiedade afeta esta ocupação dita significativa para Maysa, interferindo no fator do cliente espiritualidade.

O envolvimento em ocupações significativas é um processo individual, particular em que cada pessoa possui uma maneira nessa forma de ocupar-se de algo que lhe é significativo:

*[...] é importante a gente participar de uma igreja de um local que trate a espiritualidade da gente porque traz benefícios psicológicos pra gente então eu faço esse...essa...eu até me estimulo a ir pra melhorar no tratamento psicológico” (Joyce).*

Elementos da forma, propósito e significado se entrelaçam no relato de Joyce, o significado atribuído por ela “*é importante...traz benefícios*” refere-se a tratar sua espiritualidade, através da forma ocupacional “*participar de uma igreja ou local que trate a espiritualidade*” onde o propósito desse fazer é “*alcançar benefícios psicológicos*” e conseqüentemente melhora no tratamento. “O significado é influenciado pela forma e pelo propósito, assim como a forma é influenciada pelos significados e propósitos culturais, e o propósito é influenciado pela forma e pelo significado” (CARRASCO; OLIVARES, p. 22. 2008).

Percebemos que os significados das ocupações dependem diretamente da forma e propósito que elas possuem na vida das pessoas. A participante identificou as ocupações que lhes favorecem o equilíbrio sendo alvo de busca no seu dia-a-dia.

*“Aí eu converso com meus filhos também, com a minha mãe converso com ela também pra mim ficar calma pra mim não pensar besteira, ela também conversa comigo pra eu não ficar pensando besteira, muitas vezes eu já pensei em me matar essas coisas assim, pra mim poder ficar calma”.* (Joana).

O significado da ocupação surge da relação da pessoa com o meio ambiente, ao longo do tempo, construindo significados de forma dinâmica, é um aspecto simbólico da ocupação, é subjetivo e somente poderá ser analisado em interação direta com a pessoa que o experimenta (CARRASCO; OLIVARES, 2008).

*“Pra mim o significado é que a espiritualidade faz muito presente na minha vida e eu necessito dela [...] eu preciso e necessito dessa coisa e que todas as pessoas deveriam necessitar, deveriam viver para chegar um dia encontrar um mundo, um lugar que nós possamos ser mais livres, ficar com Deus [...]” (João).*

*“É importante pra mim saber que tem alguém que zela por mim mesmo eu não sabendo não conhecendo direito, entende!?” (Joyce).*

No relato de João, verificou-se a ausência de palavras para expressar o termo espiritualidade, denominando-a de “coisa” e admite a existência de algo que ele necessita e que é significativo em sua vida. A associação da espiritualidade com Deus ocorreu em ambos relatos, talvez tenha ocorrido pela incapacidade de mensurar em outras palavras o quanto é importante na vida deles associando a Deus para expressar esse significado. *“Eu acho que é importante! eu acho que é importante, porque se a gente não tivesse isso aí a gente não vivia né, porque o espírito fica dentro da gente né então a gente tem que ter, eu acho que é importante sim pra mim é importante não sei pras outras pessoas, mas pra mim é!”* Joana demonstra o conhecimento empírico sobre o assunto.

Os participantes desta pesquisa atribuíram significados as ocupações de acordo com sua interpretação pessoal, sua história de vida e todas as simbologias enraizadas em seu repertório ocupacional. O significado é subjetivo, sendo assim não podemos afirmar que não há espiritualidade no ato de ocuparem-se da religiosidade, pois um indivíduo pode expressar-se de variadas maneiras atribuindo a elas uma importância que não podemos mensurar (ALVES; JUNGES; LÓPES, 2010); (NASCIMENTO et al., 2013).

As pessoas tendem a buscar propósito e significado para os eventos, criando uma visão pessoal da sua realidade para assim compreender e desenvolver sua vida, esse processo permite a construção de uma identidade dinâmica, formada a partir de interpretações significativas de suas experiências, atividades com significado desenvolve o senso de realidade, as pessoas costumam dar sentido as suas vidas frequentemente, o que é alcançado através das atividades com significado (DRÁPELA et al., 2008).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos dados embasados em referenciais teóricos permitiu a melhor compreensão quanto a importância da promoção da espiritualidade entre os usuários da saúde mental. A ocupação é algo indissociável na vida do homem, através dela o homem transforma a natureza e é transformado por ela.

Foi possível observar que as pessoas se envolvem em atividades significativas e consideradas de cunho espiritual a fim de manter o equilíbrio psíquico e emocional, favorecendo bem-estar, qualidade do viver entre outros. Dessa forma, é notável que o homem sempre tende a buscar ocupações que lhe tragam algum significado para sua existência, e essa busca é, muitas vezes, conectada ao espiritual e/ou religioso.

Os termos espiritualidade, religiosidade e religião foram diversas vezes utilizados como sinônimos, por isso, observou-se a espiritualidade sendo promovida através da prática religiosa e religiosidade sendo que ela independe de tais fatores.

Os Terapeutas Ocupacionais possuem um conhecimento valioso utilizando as ocupações como meio e fins de intervenção, portanto este profissional tem o importante papel de favorecer os benefícios que podem ser obtidos através das diversas ocupações que o ser humano se engaja no seu dia-a-dia, além de ter o importante papel na busca identificar e promover tais ocupações significativas.

Vale ressaltar que este profissional deve incluir na sua prática clínica a abordagem da dimensão espiritual a fim de contribuir para um tratamento mais adequado, amplo integral, holística do indivíduo.

Portanto esta pesquisa mostrou-se de grande relevância para conhecer a forma, propósito e significado das ocupações relacionadas a espiritualidade/religiosidade para as pessoas em sofrimento psíquico, a fim de amenizar situações desconfortáveis, e o quanto é importante abordar essa questão na saúde mental. Espera-se facilitar a abordagem dessa questão por parte dos profissionais e da comunidade em geral, facilitando a compreensão do ser humano como biopsicossocial e espiritual, respeitando suas demandas, bem como contribuir para a literatura científica, corroborando para a prática terapêutica ocupacional baseada em evidências.

## **REFERÊNCIAS**

ALARCON, S. *Nos limites da desmesura: Aforismos sobre Reforma Psiquiátrica e Movimento Antimanicomial no Brasil*. Rio de Janeiro. 2012. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro- RJ, 2012.

ALMEIDA A, M; STROPPIA, A. Espiritualidade & saúde mental: importância e impacto da espiritualidade na saúde mental. *Zen Review*. 2009.

ALVES, C. F. O.; et al. Uma breve história da reforma psiquiátrica. *Neurobiologia*, 72 (1) jan./mar., 2009.

ALVES, J. S.; JUNGES, J. R.; LÓPEZ, L. C. A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 430-436, 2010.

ARAÚJO, L. S.; OLIVEIRA, I. B. S.; JARAMILLO, S. R. *Espiritualidad en la Terapia Ocupacional: Interfaces em el campo de la ocupación humana*. TOG (A Coruña) [revista en Internet]. 2014 [fecha de la consulta]; 11(20): [19 p]. Disponible en: <http://www.revistatog.com/num20/pdfs/revision3b>. Acesso em 27 de julho de 2018.

ARRIEIRA, I. C. D. O; THOFEHRN, M. B; PORTO, A. R; PALMA, J. S. Espiritualidade na equipe interdisciplinar que atua em cuidados paliativos às pessoas com câncer. *Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá*, v.10, n. 2, p. 314-321, 2011.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL (AOTA). *Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo*. 3ª ed. Rev. Ter Ocup Univ São Paulo; jan.-abr. 2015; 26 (ed. esp.): p.1-49. Traduzido do original por CAVALCANTI, A.; SILVA, E. DUTRA, F.; ELUI, V. Publicado pela American Occupational Therapy Association (2014). Occupational therapy practice framework: Domain and process (3ª ed.). American Journal of Occupational Therapy, 68(Suppl. 1).

AQUINO, T. A. A. et al. Atitude religiosa e sentido da vida: Um estudo correlacional. *Psicologia ciência e profissão*. Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 228-2430, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a03.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2019.

AURÉLIO, *O mini dicionário da língua portuguesa*, 4ª edição, revista e ampliada do mini dicionário Aurélio, 7ª impressão. Rio de Janeiro. 2002.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo; Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Edições 70, 2016.

BERTAMONI, M. Angústia existencial: Apontamentos logoterapêuticos. UNIVALI. SC. p.13. 2008.

BILLOCK, C. Espiritualidade, ocupação e Terapia Ocupacional. In CREPEAU, Elizabeth; COHN, Ellen; SCHELL, Barbara. Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p 91-98.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: *Os Centros de Atenção Psicossocial* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

BRASIL, C. C. P.; CALDAS, J. M. P.; SILVA, R. M.; BEZERRA, I. C. *Estudos qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações*. Sobral: edições UVA, 2018. 305 p.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante. 2009.

CARRASCO, J. M.; OLIVARES, D. A. Haciendo camino al andar: construcción y comprensión de la ocupación para la investigación y práctica de la Terapia Ocupacional. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, v. 8, Pág. 5 – 16, 2008.

CASTILHO, C. N.; CARDOSO, P. T. Espiritualidade, religiosidade e religião nas políticas públicas de saúde: um olhar para a integralidade. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social* v. 3, n. 1, 2014.

CLARCK, F; LAWLOR, M. A elaboração e o significado da Ciência Ocupacional. In: CREPEAU, Elizabeth; COHN, Ellen; SCHIELL, Barbara. Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. 11 ed. Rio de Janeiro: *Guanabara Koogan*, 2011, P 2-15.

COSTA, E. F.; OLIVEIRA, I. S. M.; CORRÊA, V. A. C.; FOLHA, O. A. A. C. Ciência ocupacional e terapia ocupacional: Algumas reflexões. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. 2017. V.1(5): 650-663.

CREPEAU, E. B. Análise de atividades: uma forma de refletir sobre desempenho ocupacional. In: NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. (Orgs). Willard & Spackman Terapia Ocupacional. Rio de Janeiro: *Guanabara Koogan*. 2002. p.121-133.

CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. Willard & Spackman – Terapia Ocupacional. 11.ed. Rio de Janeiro: *Guanabara Koogan*, 2011.

CREPEAU, E. B.; SCHELL, B. A. B. Analisando ocupações e atividade. In CREPEAU, Elizabeth; COHN, Ellen; SCHELL, Barbara. Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. 11 ed. Rio de Janeiro: *Guanabara Koogan*, 2011, p 363-378.

CHRISTIANSEN, C. *Acknowledging a spiritual dimension in occupational therapy practice*. Am J OccupTher. 1997.

DICKIE, V. O que é Ocupação? In: CREPEAU, E.B.; COHN, E.S.; SCHELL, B.A.B. Willard e Spackman: Terapia Ocupacional. 11ª ed. Rio de Janeiro: *Guanabara Koogan*, 2011, p 15-21.

DRÁPELA, J. et al. Significados asociados a la actividad delictiva” en hombres que se encuentran privados de libertad, por delito de robo, en Centro de Detención Preventiva Santiago Sur. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, v. 8, n. 8, Pág. 47 – 58, 2008.

D’SOUZA, R. The importance of spirituality in medicine and its application to clinical practice. *Med J Aust*. 2007.

EARLY, M. B. *Desempenho Ocupacional*. In: PEDRETTI, LW, EARLY, M. B. *Terapia Ocupacional: Capacidades práticas para as disfunções físicas*. 5ª ed. São Paulo: Roca, 2005.

EGAN M, SWEDERSKY J. *Spirituality as experienced by occupational therapists in practice*. *Am J Occup Ther*. 2003;57(5):525-33.

ESPÍNDULA, J. A. G.; FERREIRA, N. N. Saúde e Sentido de Vida: As vivências do envelhecer. *Revista logos & existência revista da associação brasileira de logoterapia e análise existencial* 6 (1), 37-52, 2017.

FRANKL, V. E. *Man's search for meaning*. New York. Random house. 1959.

FRANKL, V. E. *Em Busca de Sentido*. Tradução de Walter Schlupp e Carlos Aveline. (1ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes. 1985.

FRANKL, V. E. Um sentido para a vida. Aparecida, SP: *Santuário*, 1989.

FRANKL, V. E. A questão do sentido em psicoterapia. São Paulo: *Papirus*, 1990

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: *Paulus*. 2011.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS. 120 p, 2009.

GIOVANETTI, J. P. O Sagrado na psicoterapia. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.) *Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. São Paulo: *Pioneira*, 1-26. 2004.

GOLDIM, J.R. et. al. Bioética e Espiritualidade. Porto Alegre: *Edipucrs*, 2007.

GOMES, N. S.; FARINA, M.; DAL FORNO. C. Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(2): 107-112, 2014 - ISSN 2175-5027.

GOOD, M.; WILLOUGHBY, T.; BUSSERI, M. A. *Stability and change in adolescent spirituality/religiosity: A person-centered approach*. *Developmental psychology*. 2011.

GRIFFITH J, CARON CD, DESROSIERS J, THIBEAULT R. Defining spirituality and giving meaning to occupation: The perspective of community-dwelling older adults with autonomy loss. *Can J Occup Ther*. 2007;74(2):78-90.

HARVEY, I. S.; COOK, L. Exploring the role of spirituality in selfmanagement practices among older African-American and nonHispanic White women with chronic conditions. *Chronic Illn*. 2010.

HILL, P. C., & EDWARDS, E. Measurement in the psychology of religiousness and spirituality: Existing measures and new frontiers. In K. I. Pargament, J. J. Exline, & J. W. Jones (Eds.), *APA handbook of psychology, religion, and spirituality* (Vol. 1): Context, theory, and research (pp. 51–77). Washington, DC: *American Psychological Association*, (2013).

KOENIG, H. KING, D; CARSON, V. B. *Handbook of religion and health Oxford university press*, 2001.

KOENIG, H. G. Concerns about measuring “Spirituality” in research. *The Journal of Nervous and Mental Disease*. 2008.

LOBOSQUE, M. (Org.). *Universidade e reforma psiquiátrica: interrogando a distância*. Belo Horizonte: ESP-MG, 2009. *Caderno de Saúde Mental*, v. 2.

MONTEIRO, D. M. R. Espiritualidade e Saúde na Sociedade do espetáculo. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, 2002.

MOREIRA, M. I. B; ANDRADE, A. N. Ouvindo loucos: Construindo possibilidades de viver com autonomia. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4(2), 249-266. 2003.

NASCIMENTO, L. C.; SANTOS, T. F. M.; OLIVEIRA, F. C.S.; PAN, R.; FLÓRIA-SANTOS, M.; ROCHA, S. M. M. Espiritualidade e religiosidade na perspectiva de enfermeiros. *Texto Contexto-Enferm*. 2013.

OLIVEIRA, M. R.; JUNGES, J. R. *Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos Estudos de Psicologia*, 17(3), setembro-dezembro/2012, 469-476. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

PALMA, O. C.; LAVADIE, M. S. PAREDES, C. O.; SEGUEL, H.N & URIBE, K. M. Estudio descriptivo de forma y funcion del juego libre del niño(a) en etapa preescolar. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, 12 (2). 2012.

PESSINI, L, & BERTACHINI, L. Cuidados Paliativos e Espiritualidade. *Revista Brasileira de Cuidados Paliativos* (São Paulo), 3(1), 11-13. 2010.

PINTO, E. B.; Espiritualidade e Religiosidade: Articulações In *Revista de Estudos da Religião* dezembro / 2009. pp. 68-83.

ROSS L. The spiritual dimension: its importance to patients. health, well-being and quality of life and its implications for nursing practice. *Int J Nurs Stud* 1995; 32:457-68.

SALIMENA, A. M. O.; FERRUGINI, R. R. B.; MELO, M. C. S. C.; AMORIM, T. V. Compreensão da Espiritualidade para os portadores de transtorno mental: contribuições para o cuidado de enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm*. 2016 set;37(3):e51934. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.51934>.

SILVA, A. W. C.; BREITENBACH, H. *Fundamentação e prática da Logoterapia*. p. 1-12. São Paulo. 2009.

SILVA, R. R.; SIQUEIRA, D. Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14(3), 557-564. 2009.

SILVA, J. B.; SILVA, L. B. Relação entre Religião, Espiritualidade e Sentido da vida. *Logos & Existência Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e análise existencial* 3 (2), 203-215, 2014.

TAVARES, C. Q.; VALENTE, T. C.O.; CAVALCANTI, A. P. R.; CARMOS, H. O. Espiritualidade, Religiosidade e Saúde: Velhos debates, novas perspectivas. *Cultura e comunidade*, Belo Horizonte, Brasil, v.11 n.20, p. 85-97, jul./dez. 2016.

TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D T. Espiritualidade e Qualidade de Vida. Porto Alegre: *Edipucrs*, 2004.

VALLE, E. R. Psicologia e Experiência Religiosa. São Paulo: *Loyola*, 1998.

VOLCAN, S. M. A; SOUSA, P. L. R; MARI, J. J; LESSA, H. B. Relação entre bem estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. *Revista de Saúde*. 2003.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS (WFOT) 2012. *Position Statement Activities of Daily Living*. Retrieved 25-10-2016, from WFOT: <http://www.wfot.org/ResourceCentre/tabid/132/cid/31/Default.aspx>. Acesso em 19 de julho de 2018.